

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
AVISOS DE TEMPESTADE – OS FILMES DE STUART HEISLER
11 e 18 de Fevereiro de 2026

BEACHHEAD / 1954
(Fugitivos do Inferno)

Um filme de Stuart Heisler

Realização: Stuart Heisler / Argumento: Richard Alan Simmons, baseado num romance de Richard G. Hubler / Direcção de Fotografia: Gordon Avil / Música: Arthur Lange e Emil Newman / Som: Ben Winkler / Montagem: John F. Schreyer / Interpretação: Tony Curtis (Burke), Frank Lovejoy (Fletcher), Mary Murphy (Nina Bouchard), Eduard Franz (Bouchard), Skip Homeier (Reynolds), John Doucette (Scott), Alan Wells (Biggerman), Dan Aoki (o sniper japonês), Akira Fukunaga (marinheiro japonês), Steamboat Mokuahahi (um nativo).

Produção: Aubrey Schenck Productions, para a United Artists / Produtor: Howard W. Koch / Cópia digital, colorida, falado em inglês e legendada em português / Duração: 90 minutos / Estreia em Portugal: Capitólio, a 10 de Dezembro de 1956.

Stuart Heisler passou directamente de **The Star**, uma produção relativamente abonada, com uma estrela do calibre de Bette Davis (um filme que veremos mais à frente, e que é um dos melhores de Heisler), para este *war movie* de série B, sem vedetas (Tony Curtis estava a começar a sê-lo, mas ainda não era uma grande estrela), rodado nas ilhas do Havai, e tão essencialmente em exteriores (belos exteriores, belas cores de Gordon Avil, bem restituídas na cópia digital que vamos ver) que nem tem nenhum crédito para direcção artística ou cenários: foi chegar e filmar na paisagem, literalmente.

Beachhead um filme de rotina, pouco ou nada ambicioso em termos de produção (uma série B típica), mas que transcende a rotina, eleva-a, justamente por a intensificar, com todo o pragmatismo e toda a acutilância dramática, em vez de a disfarçar. Se não havia dinheiro para filmar grandes cenas de combate, não se filmavam grandes cenas de combate (são bem poucas, e nada “grandes”), mas punham-se as personagens a comentar os combates antes e depois deles acontecerem. Mesmo para o “grand finale”, o ataque do reduzidíssimo grupo de fuzileiros ao navio japonês, parece que se fez gala em sublinhar a escassez de meios, com aquele vetustíssimo “efeito especial” (o navio em chamas, ou melhor dizendo, “o navio em chamas”) que mais parece vindo de uma tintagem de cinema mudo do que da tecnologia que em 1954 já existia. Claro que isto, caso não se tenha percebido, funciona plenamente a favor do filme, é mesmo brilhante a maneira como ousa o rombo na “suspensão da descrença”.

Se não há muitos combates para filmar num *war movie*, filma-se o quê? Filmam-se caminhadas, filma-se o convívio das personagens umas com as outras, filma-se a relação delas com a paisagem natural por onde caminham e convivem – os verdes da vegetação, o azul do mar que de vez em quando se vê ao fundo, os dourados do sol, o escuro da noite, os esconderijos improvisados no meio das árvores ou do capim. É a nobilíssima tradição do “filme de guerra em marcha permanente”, como o **Objective**

Burma! de Walsh, o **Red Badge of Courage** de Huston, o **Merrill's Marauders** de Fuller, e mais uns quantos até chegar ao bem mais recente **La France** de Serge Bozon (que conhecia todos estes filmes, certamente, e se calhar também o de Heisler). Nem se perde muito tempo com o “contexto”, com a integração da narrativa no momento histórico da campanha americana no Pacífico (o Havai, aqui, vale pela Nova Guiné e ilhas em volta): apanham-se as personagens já em caminhada, a câmara ao nível delas sem nenhuma entrada espampanante, e é no diálogo em caminhada (entre os dois protagonistas, Curtis e Frank Lovejoy, cuja relação passará por várias cambiantes ao longo do filme) que se fica a saber o que há a saber sobre a acção que está prevista, uma missão de resgate que pode ser uma cilada mortal (se o “resgatado” for um espião japonês a preparar uma armadilha), e sobre o passado imediato (a amargura do sargento Lovejoy, e o ressentimento dos soldados, por uma acção de guerra anterior que resultou numa razia entre os membros do pelotão).

A câmara de Heisler foge sempre a qualquer efeito de grandiloquência, e é terrivelmente coerente, uma coerência sem falhas, nesta mise en scène em pequena escala, uma mise en scène que se diria procurar o retrato da casualidade, da rotina, de mais um dia na vida de um grupo de soldados durante a guerra. É por tudo ser dado com esta casualidade que até os aspectos mais inverosímeis do argumento acabam por ser integrados com uma naturalidade que nem permite questionar a inverosimilhança, como a rapariga francesa que se junta ao grupo depois do resgate (a inverosimilhança está no triângulo amoroso com Curtis e Lovejoy, como se no permanente risco de vida houvesse espaço para uma história de paixões súbitas e ciúmes assolapados). De resto, a história do resgate faz uma ponte inesperada com outro filme posterior: conheceria Coppola **Beachhead**? É que isto de em plena selva assolada pela guerra aparecer uma quinta habitada por pacatos cidadãos franceses lembra terrivelmente uma das mais célebres cenas acrescentadas a **Apocalypse Now!** na versão **Redux**.

Em resumo: produção pobre, filme rico, toda a inteligência da melhor série B, toda a mestria de uma velha raposa da mise en scène como Stuart Heisler.

Luís Miguel Oliveira